



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA

Flusser, o poder e o perigo de um mundo codificado

Gabrielle Vianna Mesquita

Seropédica / RJ
Novembro de 2025



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

Flusser, o poder e o perigo de um mundo codificado

Gabrielle Vianna Mesquita

Monografia apresentada como requisito parcial
para obtenção do grau de Licenciado em Filosofia,
sob orientação do Prof. Dr. Luiz Philipe de Caux.

Seropédica / RJ
Novembro de 2025

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA

GABRIELLE VIANNA MESQUITA

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Filosofia, sob orientação do Prof. Dr. Luiz Philipe de Caux.

MONOGRAFIA APROVADA EM 21/11/2025 com média:

Prof. Dr. Luiz Philipe de Caux – UFRRJ
(Orientador)

Prof. Dr. Walter Valdevino Oliveira Silva – UFRRJ

Prof. Dr. Edson Peixoto de Resende Filho – UFRRJ

RESUMO

Esta monografia analisa e discute o pensamento do filósofo tcheco-brasileiro Vilém Flusser (1920-1991) sobre a importância de tecnologia, codificação e imagem na comunicação e percepção humanas e os perigos do uso desinteressado e passivo dessa tecnologia para a sociedade. Disseca-se inicialmente o que são esses códigos e imagens (na concepção de Flusser) e seu funcionamento. Parte-se, primariamente, dos escritos de Flusser em sua obra *O Mundo Codificado* para compreender exatamente como os códigos, especialmente os de comunicação e tecnologia, estruturam e influenciam a nossa percepção do mundo. Busca-se promover uma reflexão crítica sobre o impacto dessas tecnologias na cultura e na experiência humana e explorar a relação entre as formas de codificação e a forma como interpretamos a realidade.

Palavras-chave: Flusser; Códigos; Imagens; Filosofia.

ABSTRACT

This monograph analyzes and discusses the thinking of Czech-Brazilian philosopher Vilém Flusser (1920-1991) on the importance of technology, coding, and images in human communication and perception, and the dangers of the disinterested and passive use of this technology for society. We begin by dissecting what these codes and images are (in Flusser's conception) and how they work. The monograph draws primarily on Flusser's writings in *The Codified World* to understand how codes, especially communication and technology codes, structure and influence our perception of the world. The aim is to promote critical reflection on the impact of these technologies on culture and human experience, and to explore the relationship between coding forms and the way we interpret reality.

Keywords: Flusser; Codes; Images; Philosophy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
2. CÓDIGOS.....	10
1.1 Escrita, Superfície e Linearidade.....	18
2. FLUSSER E O PODER DA IMAGEM	23
2.1 Humanos Programados por Imagens e outros Códigos.....	26
CONCLUSÃO.....	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32

INTRODUÇÃO

Vilém Flusser (1920-1991), filósofo e teórico da mídia tcheco naturalizado brasileiro, é o autor de textos/artigos escritos durante os anos 70 e 90, que organizados em coletânea, formam o livro *O Mundo Codificado*, “um mundo construído a partir de símbolos ordenados, no qual se repesam as informações adquiridas” (MC, p. 96).¹ O livro é dividido em três seções: “Coisas”, “Códigos” e “Construções”. A segunda seção, “Códigos”, concentra-se no papel dos códigos e seus símbolos (além de sistemas formados por, e produtores de, códigos), na comunicação e formação da experiência e da compreensão humanas, é a seção na qual me concentrarei primariamente para embasar esta monografia. “O Mundo Codificado” também é o nome de um capítulo desta coletânea de Flusser, em que se explora o impacto da tecnologia e da comunicação na experiência e na cultura humanas. Este capítulo encapsula muitas das ideias principais apresentadas na seção Códigos em menor ou maior detalhe, e permite uma introdução clara e concisa aos conceitos e ideias propostos na seção.

O autor explora como as transformações na comunicação humana (da forma oral para a visual simbólica e depois para a escrita) mudaram nossa compreensão do mundo (MC, p. 127). Ele enfatiza o papel dos códigos (como sistemas de símbolos e formas de linguagem) na formação de nossas percepções e interações. (MC, p. 127-130):

temos consciência dos efeitos da televisão, das propagandas e do cinema. O que pensamos aqui, no entanto, é ainda mais radical. Buscaremos mostrar que o significado do mundo e da vida em si mudou sob o impacto da revolução na comunicação. (...) vamos nos concentrar em um aspecto isolado dessa revolução – a saber, nos códigos – com a esperança de que seja o suficiente para transmitir a radicalidade da presente renovação. (M.C, p. 127)

Para Flusser, é possível analisar aqui a evolução dos códigos e de um mundo cada vez mais intrínseca e funcionalmente dependente deles (MC, p. 127). A seção traça o desenvolvimento histórico dos códigos. A linguagem é, em si, um código, um sistema de símbolos (p. 130). Retratar a evolução da comunicação humana é traçar paralelamente a evolução dos códigos: da linguagem oral e dos códigos visuais (imagens comuns) até a escrita (p. 129) e, finalmente, retornando aos códigos visuais, que agora são digitais ou técnicos, imagens técnicas geradas por algorítmicos e a escrita de programação. Flusser

¹ Para as referências às obras de Flusser, por simplificação, utilizarei as seguintes abreviações: MC = FLUSSER, Vilém. *O Mundo Codificado: Por uma filosofia do design e da comunicação*. Organização: Rafael Cardoso; Tradução: Raquel Abi-Sâmara. São Paulo: Cosac Naify, 2007; FCP = FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta: Ensaio para uma futura filosofia da fotografia*. São Paulo : Hucitec, 1985.

argumenta que "antes da invenção da escrita, as imagens eram meios decisivos" (MC, p.129).

Para o autor, é notável que cada novo código revoluciona a consciência humana e a sociedade (MC, p. 130). Por exemplo, “a invenção da escrita transformou cenas em processos e criou a consciência histórica” (MC, p. 133), enquanto os códigos digitais estão, atualmente, transformando nossa relação com a informação e a realidade (p. 129). E o retorno a modelos imagéticos causa a "crise dos valores". (MC, p. 135)

Flusser abre nossos olhos para as novas dinâmicas que ocorrem em um mundo codificado, destacando como os códigos estão inseridos em estruturas de poder, pois aqueles que controlam os códigos serão capazes de exercer grande influência sobre a construção e a percepção da realidade (MC, p. 130). Isso nos provoca a pensar sobre quem deve ter autoridade para criar e disseminar códigos.

É importante entendermos, antes, que, na perspectiva do autor, os humanos seriam "seres alienados", no sentido de que nossa existência é marcada por uma separação fundamental do mundo e uns dos outros. Essa alienação surge de nossa dependência de um código linguístico (linguagem) para nos comunicarmos, dando nome e sentido às nossas experiências.

Os homens tem de se entender mutuamente por meio dos códigos pois perderam o contato direto com o significado dos símbolos. O homem é um animal alienado e vê-se obrigado a criar símbolos e a ordená-los em códigos, caso queira transpor o abismo que há entre ele e o “mundo”. Ele precisa mediar, precisa dar um sentido ao “mundo”. (MC, p. 130)

O filósofo tcheco acreditava que a linguagem e outras formas de códigos são ferramentas essenciais que nos ajudam a navegar em nosso ambiente e interagir com os outros. Código é um sistema de símbolos. Seu objetivo é possibilitar a comunicação entre os homens. No entanto, também não é esquecido que essas ferramentas podem criar obstáculos, pois quando dependemos excessivamente de símbolos abstratos e de comunicação mediada, podemos perder o contato com as experiências humanas mais reais, que acabam não sendo vividas, e sim representadas em um formato sanitarizado, o que pode levar a uma sensação de desconexão do nosso entorno e uns dos outros.

Como os símbolos são fenômenos que substituem (“significam”) outros fenômenos, a comunicação é, portanto, uma substituição: ela substitui a vivência daquilo a que se refere... Os homens tem de se entender mutuamente por meio dos códigos pois perderam o contato direto com o significado dos símbolos. (MC, p. 130).

Imagens apresentadas em superfícies tornaram-se um modo de comunicação dominante, frequentemente eclipsando o texto (MC, p. 128). “As linhas escritas (...) vêm se tornando menos importantes para as massas do que as superfícies” (MC, p. 103). Esta alteração influencia nossa compreensão da informação, já que as imagens conseguem comunicar conceitos e significados complexos rapidamente, porém, também podem reduzi-los de forma exagerada (MC, p. 131). “Poderemos dizer que a leitura de imagens é mais rápida porque o tempo necessário para que suas mensagens sejam recebidas é mais denso. Ela se abre em menos tempo”. (MC, p. 106)

Flusser se preocupa com a codificação da realidade, ou seja, com o modo como as tecnologias de comunicação modernas, particularmente as que se baseiam em códigos (como as mídias visuais), moldam ou restringem nossa compreensão da realidade (p. 131). “Códigos que existem a partir de símbolos bidimensionais (...) significam o mundo, na medida em que reduzem as circunstâncias quadridimensionais a cenas, na medida em que eles imaginam” (MC, p. 131).

É tecnicamente possível, mesmo agora, projetar filmes e programas de TV que permitam ao leitor controlar e manipular a sequência das imagens e ainda sobrepor outras. A gravação de vídeos e os slides apontam claramente nesse sentido. O que significa que a história de um filme será algo parcialmente manipulável pelo leitor até se tornar parcialmente reversível. Isso implica um sentido radicalmente novo para a expressão “liberdade histórica” (...) (MC, p. 108-109)

Em uma realidade cada vez mais saturada e moldada por esses códigos, capazes tanto de esclarecer quanto de obscurecer o sentido dos objetos, ações e situações que procuram comunicar, o pensamento, assim como nossa forma de nos relacionar uns com os outros e com o ambiente, é profundamente afetado (MC, p. 129). Os códigos filtrariam informações, distorcendo a forma como interpretamos e interagimos com o mundo, e as pessoas precisariam questionar a natureza da realidade e da verdade em uma era dominada pela tecnologia e pela comunicação imagética (MC, p. 108, p.129 s.). “O homem pré moderno vivia num outro universo imagético que tentava interpretar o ‘mundo’. Nós vivemos em um mundo imagético que interpreta as teorias referentes ao ‘mundo’”. (MC, p. 130)

A codificação pode levar à alienação (além da alienação comum, intrínseca ao ser humano, citada por Flusser) quando os indivíduos se distanciam das experiências diretas (MC, p. 130). O autor discute o efeito dessa alienação em sociedade, particularmente sobre como a tecnologia e a mídia podem criar uma sensação de desconexão entre os indivíduos e seus ambientes (MC, p. 137).

Não há paralelos no passado que nos permitam aprender o uso dos códigos tecnológicos, como eles se manifestam (...). Mas devemos aprendê-lo, senão seremos condenados a prolongar uma existência sem sentido em um mundo que se tornou codificado pela imaginação tecnológica. A decadência e a queda do alfabeto significam o fim da história. (MC, p. 137)

As observações de Flusser sobre os potenciais efeitos negativos da crescente dependência tecnológica guiam o leitor para reflexões sobre questões que são aparentes em retrocesso, mas sobre as quais nos recusamos a pensar muito (MC, p. 127; p. 137), como a dualidade da tecnologia, a qual, enquanto facilita a conexão e o acesso à informação, também pode levar à alienação em diferentes níveis (MC, p. 127; p. 130). A alienação social é praticamente determinada pela perda de interação face a face e pela substituição da comunicação genuína por interações mediadas por telas, nos desconectando emocionalmente, com a pretensão de praticidade (MC, p. 130 s.). A dependência da tecnologia pode levar à passividade, à diminuição da capacidade de pensamento crítico e à perda do sentido de agência individual, afeta a criatividade e a autonomia pessoal (MC, p. 135; p. 137). "O mundo codificado em que vivemos não mais significa processos, vir a ser, ele não conta histórias, e viver nele não significa agir. O fato de ele não significar mais isso é chamado de 'crise dos valores'." (MC, p. 135). Segundo Flusser, esta crise seria também "o fato de termos retornado do mundo linear das explicações para o mundo tecno-imaginário dos 'modelos'." (MC, p. 136).

As estruturas de controle em um mundo codificado estão profundamente interligadas à tecnologia, "obras pós-modernas são produtos da tecnologia. Por trás das imagens que nos programam pode-se constatar uma teoria científica" (MC, p. 129). Fica subentendido que as tecnologias de mídia e comunicação construídas em (e por) códigos, tenderiam a perpetuar as estruturas de poder existentes através de um controle sutil, mas de grande alcance, que afetaria a disseminação da informação, a construção de narrativas e a interação social (MC, p. 129 ss.).

Somos envolvidos por cores dotadas de significados, somos programados por cores, que são um aspecto do mundo codificado em que vivemos... "As cores são o modo como as superfícies aparecem para nós (...), as superfícies se tornaram importantes portadoras de mensagens. (MC, p. 128).

A codificação da informação pode levar a uma situação em que os indivíduos não são apenas criadores ou consumidores de conteúdo, mas também sujeitos ao controle desse mesmo conteúdo instrumentalizado, visto que seus comportamentos e pensamentos são influenciados pela mídia com a qual interagem (MC, p. 128-130)

1. CÓDIGOS

Mergulhando na ideia de códigos como estruturas formadas por um conjunto de símbolos que configuram a comunicação, a compreensão e a realidade humana, Flusser defende que os códigos não são apenas instrumentos para transmitir dados e informações, mas sim os próprios alicerces e esboços com os quais construímos e deciframos o mundo. (MC, p. 90, 130 e 14). Ele explora como os códigos (linguísticos, visuais e, sobretudo, tecnológicos) atuam em nossas experiências, comportamentos e percepções. (MC, pp. 114 e 129). Embora se reconheça a influência de mídias como a televisão e o cinema, o texto propõe uma análise mais radical, focando nos códigos de comunicação como aspecto-chave para demonstrar a transformação profunda provocada pela revolução da comunicação. (MC, p. 17, p. 127 s.)

Toda língua é um código, ainda que seja um extremamente complexo. A linguagem é uma forma de comunicação, e a comunicação humana é feita desses códigos (as diversas línguas que contêm sistemas, sejam eles falados, escritos, visuais ou de sinais) e seus símbolos ordenados, os quais inventamos, nomeando objetos reais ou emoções intangíveis com sons originalmente abstratos (que depois se tornariam palavras). Esses sons têm a função de descrever ou significar algo. Ao inventar palavras (símbolos) e ordená-las, criamos uma língua, e quando ensinamos essas palavras e significados para outros humanos, partilhamos desse código linguístico e somos capazes de conversar, isto é, trocar ideias e informações dentro de um código compartilhado. Mas por que fizemos isso? Qual a necessidade de nomear o amor de amor ou as sombras das árvores? Não bastava sentir, ver, tocar essas coisas? De acordo com Flusser, não, pois a “comunicação humana teria o propósito de nos fazer esquecer da falta de sentido e solidão de uma vida/existência que acaba em morte, de tornar a vida vivível”. (MC, p. 96). A humanidade buscaria alcançar a comunicação estabelecendo um mundo codificado “ou seja, um mundo construído a partir de símbolos ordenados, no qual se represam informações adquiridas”. (MC, p. 96) A percepção do filósofo pode parecer pecar pelo excesso de pessimismo em relação à humanidade; contudo, apesar de discordar parcialmente desta afirmação melancólica e mórbida de Flusser, deve-se conceder que seu diagnóstico evoluiu de uma maneira talvez mais desoladora do que ele mesmo poderia prever. (MC, p. 137)

Com a invenção da internet, redes sociais, canais de “criação de conteúdo” por vídeos como YouTube e TikTok, as pessoas não estariam mais usando o mundo codificado para esquecer sobre a morte, como afirmou Flusser, mas com a intenção de parar de pensar em tudo o que é negativo por completo, para se divertir e desestressar, esquecendo-se de tudo aquilo o que é perturbador e incômodo na realidade, pelo menos durante o tempo que se estiver conectado.

Os códigos (e os símbolos que os constituem) tomam-se uma espécie de segunda natureza, e o mundo codificado é cheio de significados em que vivemos (o mundo dos fenômenos significativos, tais como o anuir com a cabeça, a sinalização de trânsito e os móveis) nos faz esquecer o mundo da primeira natureza. (MC, p. 90)

E Flusser complementa: “E esse é, em última análise, o objetivo do mundo codificado que nos circunda: que esqueçamos que ele consiste num tecido artificial que esconde uma natureza sem significado, sem sentido, por ele representada”. (MC, p. 90) Esta conclusão perturbadora talvez tenha sido entendida e expressa melhor do que nenhum outro pelo norte-americano Neil Postman, em sua obra *Amusing Ourselves to Death* (abreviado “AOD”, em tradução livre “nos divertindo ou distraindo até a morte”). O autor nem mesmo estava falando da tecnologia digital que usamos hoje, pois não viveu para vê-la. Porém, ao analisar o impacto de novas tecnologias de comunicação na sociedade, especialmente na cultura e na educação, ele descreveu com precisão a situação atual.

Postman escreve que antes da invenção do telégrafo, a informação se espalhava lentamente, limitando a conexão entre lugares distantes. “O telégrafo transformou um país em um “bairro”, mas repleto de estranhos compartilhando informações superficiais e sem contexto” (AOD, p. 67). Essa transmissão rápida e barata de informações multiplicou os dados disponíveis, mas teria aumentado significativamente a “proporção de informação-ação” (AOD, p. 68), e de notícias inúteis, já que as notícias diárias geralmente forneciam poucas informações úteis, servindo principalmente como material para conversas. O norte-americano criticou o impacto do telégrafo, sugerindo que o volume avassalador de informações desconexas que tal objeto transmite leva a uma sensação de impotência em relação a questões globais complexas. Enquanto “queimar um livro seria visto como anti-intelectual, o telégrafo, por sua própria natureza, exige que seu conteúdo seja rapidamente esquecido, efetivamente queimado” (AOD, p. 70) pelo fluxo constante de novos dados igualmente descontextualizados. Uma natureza partilhada pela mídia digital (internet).

Os códigos, se analisados por essa perspectiva, são os filtros pelos quais os humanos percebem e se relacionam e interagem com o mundo. Eles não são agentes neutros, mas sim escultores ativos da nossa compreensão do mundo. Em outras palavras, são seus mediadores. Por exemplo, a linguagem, como código, estrutura nossos pensamentos, ao passo que códigos visuais, como a fotografia ou o filme, moldam a forma como vemos e interpretamos imagens. (MC, pp. 114 e 129).

Flusser especula sobre o poder, as formas e funções assumidos pelos códigos em um futuro no qual o mundo é cada vez mais digital e automatizado. Ele alerta para o potencial de que os códigos se tornem tão complexos e autônomos que acabem escapando ao controle humano, levando a uma realidade “pós-humana”. Em um futuro como esse, as máquinas e seus códigos, que as constroem e são cuspidos por elas, ditam os termos da existência, pelo simples fato de que os humanos param de se importar em tentar compreender e ter agência e ficam confortáveis em seguir as normas de um script sem se lembrar como e por que as coisas funcionam da maneira que são. (MC, pps. 131, 135)

Embora os códigos forneçam estrutura, eles também são inerentemente ambíguos, tal ambiguidade permite criatividade e interpretação, mas também leva a malentendidos e manipulação. Por exemplo, uma fotografia pode ser interpretada de várias maneiras, dependendo do contexto do observador e da intenção do fotógrafo. (MC, p. 110) A obra de Flusser ecoa questões éticas sobre o papel dos códigos na sociedade, fazendo o leitor refletir sobre quem cria e controla os códigos que usamos hoje, como eles influenciam nossa compreensão da verdade e da realidade. Questões extremamente pertinentes em uma era de desinformação, deepfakes e looping algorítmico.

A relação das pessoas com os códigos ressalta a complexidade da comunicação e interpretação humanas, nos lembrando que os códigos não são estáticos, mas estão em constante evolução, influenciados por contextos culturais, tecnológicos e históricos. Em outras palavras, a sociedade molda os códigos tanto quanto é moldada por eles. A visão de um futuro dominado por códigos autônomos alerta e incita o leitor a examinar criticamente o papel da tecnologia em nossas vidas e a considerar as implicações da letargia em face a tecnologia. “Devemos aprendê-lo, senão seremos condenados a prolongar uma existência sem sentido em um mundo que se tornou codificado pela imaginação tecnológica.” (MC, p. 137).

Esse processo é nebuloso e exige uma nova compreensão sobre como as imagens são criadas. Em outras palavras, a imagem aqui é um código ou uma construção de códigos, e o hardware que a demonstra é apenas um corpo material de segunda

importância, um recipiente. “A base material desse novo tipo de informação é desprezível do ponto de vista existencial. (...) o hardware está se tornando cada vez mais barato, ao passo que o software, mais caro.” (MC, p. 55). Flusser conclui que “todas as coisas perderão seu valor, e todos os valores serão transferidos para as informações”, o que chama de ‘transvaloração de todos os valores’.” (MC, p. 56). A maioria das pessoas contudo, não possui conhecimento necessário para entender ou controlar a imagem e os códigos e máquinas que a geram, seja por falta de acesso à instrução ou simples desinteresse.

Flusser enfatizou incansavelmente o quanto os códigos e a tecnologia mediam nossas experiências. No mundo atual, nossas interações são frequentemente filtradas por dispositivos e algoritmos, o que pode criar uma sensação de distanciamento das experiências diretas. Essa mediação pode tanto aprimorar quanto limitar nossa compreensão da realidade, à medida que navegamos em um mundo cada vez mais definido por interfaces digitais. “A experiência do mundo passa a ser regida por outros códigos e convenções, por linguagens e projetos capazes de reformular a percepção, muito mais do que a paisagem.” (MC, p. 17)

Se seguirmos a trilha deixada pelo autor, fica visível que, além de estruturar a comunicação humana e outras possíveis utilidades benéficas, códigos (linguísticos, visuais ou tecnológicos) permitem e limitam nossa comunicação e compreensão. No contexto presente, códigos incorporados em softwares, algoritmos de mídias sociais e até mesmo no design de nossos dispositivos afetam nossas percepções e comportamentos. Em um mundo onde a desinformação e a manipulação visual são comuns, ele defendeu que o público deve questionar as fontes e as intenções por trás das imagens que consome. As ideias de Flusser também destacam as mudanças culturais trazidas pela tecnologia, a maneira como criamos, compartilhamos e interpretamos imagens transformou nossas interações sociais, expressões culturais e até mesmo nossas identidades. O mundo contemporâneo é caracterizado por uma fluidez de significado, onde as imagens podem ser contextualizadas e readaptadas de maneiras que desafiam as narrativas tradicionais. “Códigos imagéticos (...) dependem de pontos de vista predeterminados; são subjetivos (...) códigos conceituais (...) independem de ponto de vista predeterminado; são objetivos.” (MC, p. 114)

Existe, apesar de tudo, potencial para novas formas de criativas de comunicação e expressão no mundo moderno. A democratização das ferramentas de criação de imagens (ou seja, da mídia por meio da tecnologia) permite o surgimento de diversas vozes e

perspectivas, tanto de indivíduos quanto de comunidades, em plataformas de vídeo por exemplo (como YouTube) que permitem as pessoas comuns expressarem ideias e opiniões, denunciando injustiças, compartilhando conteúdos variados, fomentando assim uma projeção maior de culturas e vozes anteriormente abafadas. Pela perspectiva do autor, o mundo moderno é uma interação complexa de códigos e tecnologia que molda nossa compreensão e experiências. Seus insights nos incentivam a nos envolver de forma preparada com essa paisagem, reconhecendo tanto seus desafios quanto seu potencial para conexão e expressão significativas. “A partir de palavras, imagens e artefatos, a sociedade humana criou um mundo de enorme complexidade, mas cuja lógica profunda permanece oculta para a maioria de seus habitantes e, em última instância, inacessível até mesmo para os autores do programa.” (MC, p. 15)

Flusser analisa a codificação como um fenômeno global e homogêneo, sem se atentar muito a aspectos socioculturais, fatores como a falta de acesso ou pouca interação de indivíduos e comunidades com a tecnologia e codificação devido a fatores econômicos, culturais ou religiosos. A análise do autor sobre a codificação, embora precisa em muitos aspectos, não leva em conta a influência de contextos e diferenças culturais na forma como a codificação se manifesta.

A ideia de um "mundo codificado" universal, inteiramente uniforme apesar das diferenças linguísticas, legais, culturais, econômicas e políticas de cada país é no mínimo ingênua, além de obscurecer as experiências diversas à hegemonia e controle tecnológicos em diferentes partes do globo, como por exemplo comunidades e indivíduos que preferem viver sem nenhum contato com a tecnologia (como certos povos indígenas), isto é, celulares, televisão, computadores, internet e muito menos redes sociais. Logo, sem contato com superfícies, tecno imagens ou com os conjunto de símbolos que compõem a comunicação tecno visual comum a quem faz uso de aparelhos e seus códigos digitais.

Flusser parecia crer e talvez até argumentasse que a tecnologia e a evolução para um mundo totalmente codificado são inevitáveis, e que lutar contra isso é tolice, pois o progresso tecnológico é imparável. (p. 73-74) Contudo, como alguém que vive no futuro não visto pelo autor, devo apontar que pessoas abandonam aparelhos de comunicação tecnológica e a internet em si por perceberem que estão lhes causando estresse e ansiedade desnecessários, além de uma melancolia e depressão que parece permear as gerações mais novas, as quais passaram a maior parte da vida com esse tipo de tecnologia e se sentem drenadas por ela. “Esse novo homem (...) não lida mais com as coisas (...). O que lhe resta das mãos são apenas as pontas dos dedos, que pressionam o teclado (...). Ele não quer ter

ou fazer, ele quer vivenciar.” (MC, p. 58), escreveu Flusser. Porém, até mesmo a vivência pode ser excessiva, sobretudo uma artificial e muitas vezes pré-selecionada. O espectador ri de vídeos engraçados, dança escutando músicas do Spotify ou SoundCloud, acreditando que fez uma escolha, ao clicar nos vídeos, na playlist de cantores e suas músicas, mas até essa escolha é programada e restrita. Se esse é o caso, pode mesmo ser chamada de escolha?. (p. 64)

A leitura atenta de *O Mundo Codificado* deve ser acompanhada por uma reflexão profunda, para melhor compreender o impacto da codificação na sociedade. “Se a base daquilo que entendemos por cultura reside na ação de informar, então não é paradoxal que o excesso de informação nos conduza à desagregação do sentido?” (MC, p. 15)

“A comunicação humana”, diz Flusser, “é um processo artificial. Baseia-se em artifícios, descobertas, ferramentas e instrumentos, a saber, em símbolos organizados em códigos”. (MC, p. 89). Em “*O que é a comunicação?*” (primeiro capítulo da seção Códigos) apresenta-se um argumento sobre a artificialidade da comunicação humana e seu papel em mascarar uma realidade sem sentido. A ideia central, proposta por Flusser, de que a comunicação humana é uma construção artificial projetada para obscurecer uma existência fundamentalmente sem sentido, um ato contranatural impulsionado pelo desejo de superar a mortalidade e a solidão, é provocativa, desafiando as concepções convencionais de comunicação e incitando à reflexão sobre a natureza da realidade e nossa experiência nela.

Os códigos (e os símbolos que os constituem) tomam-se uma espécie de segunda natureza, e o mundo codificado e cheio de significados em que vivemos (o mundo dos fenômenos significativos, tais como o anuir com a cabeça, a sinalização de trânsito e os móveis) nos faz esquecer o mundo da primeira natureza. (MC, p. 90)

Para Flusser, o objetivo do mundo codificado que nos circunda é “que esqueçamos que ele consiste num tecido artificial que esconde uma natureza sem significado, sem sentido, por ele representada”. (MC, p. 90) Ao progredir seu argumento de forma consistente e lógica, Flusser vai estabelecendo a artificialidade da comunicação por meio de sua dependência de códigos e símbolos e, então, mostra como a familiaridade com esses códigos leva ao esquecimento de sua natureza artificial. O argumento conclui sugerindo que o propósito dessa artificialidade é ocultar uma realidade sombria e solitária.

Ao fazer uso de exemplos como acenos de cabeça (anuir com a cabeça), sinais de trânsito e móveis, o autor consegue ilustrar efetivamente a natureza difusa do significado codificado em nossa vida cotidiana. Contudo, seu argumento não deixa de ser

excessivamente pessimista e niilista: A conclusão de que o propósito da comunicação é ocultar uma existência solitária e sem sentido é sombria e possivelmente extrema. Embora seja válido explorar a natureza construída da realidade, a afirmação não oferece contraargumentos ou perspectivas alternativas. (MC, p. 90 s.)

O texto oferece uma perspectiva única sobre a comunicação, enquadrando-a não como um fenômeno natural, mas como um ato fundamentalmente "contranatural" (MC, p. 93 s.), impulsionado pelo desejo humano de acumular e transmitir informações adquiridas. É estabelecida uma distinção crucial entre explicar a comunicação (por exemplo, por meio de modelos biológicos ou informacionais) e interpretá-la (compreender sua importância e significado). Essa distinção fundamental entre explicação e interpretação sustenta todo o argumento.

A insistência de Flusser em interpretar a comunicação humana, em vez de simplesmente explicar sua mecânica, é um ponto crucial. Ela destaca o papel da construção de significado e da intencionalidade no processo comunicativo. Aqui o autor se aprofunda em questões filosóficas sobre a existência humana, a mortalidade e a relação entre natureza e cultura. Ele vincula a comunicação à tentativa humana de lutar contra a morte e o isolamento (alienação) e superá-los por meio de experiências e conhecimentos compartilhados. Ao abordar questões existenciais sobre mortalidade, solidão e a condição humana, expande-se a análise da comunicação, e portanto, dos códigos, para além de considerações puramente técnicas ou funcionais.

Quando faz uso do termo "negativamente entrópica" (MC, p. 93) para se referir a comunicação, Flusser introduz a ideia de comunicação como uma força que combate e resiste ativamente à tendência natural à desordem (entropia) e à decadência (alinhando-se ao tema de combate à mortalidade), sugerindo um impulso intencional para a preservação e o crescimento do conhecimento. E ao afirmar que a comunicação humana é um ato "contranatural", impulsionado pela intenção de armazenar e transmitir informações adquiridas ao longo das gerações, o texto define implicitamente a comunicação humana como fundamentalmente dependente de códigos. A "produção intencional de códigos" (MC, p. 93) é apresentada como o aspecto artificial e contranatural da comunicação: "A comunicação humana é inatural, contranatural, pois se propõe a armazenar informações adquiridas". (MC, p. 93)

Explorando essa conexão, percebemos que ela implica que os códigos também são um mecanismo de armazenamento de informações. O acúmulo de informações adquiridas, central para o argumento do texto, só é possível por meio da criação e do uso de códigos. Esses códigos, sejam linguísticos (linguagem), simbólicos (gestos, imagens) ou tecnológicos (escrita de programação, sistemas digitais algoritmos ou alfanuméricos, etc...), atuam como recipientes e transportadores de conhecimento, permitindo sua transmissão ao longo do tempo e do espaço.

A transmissão intergeracional de conhecimento seria uma característica definidora da humanidade, e essa transmissão depende fortemente do uso e da evolução dos códigos, eles são o motor da transmissão cultural. Cada geração herda e modifica códigos existentes, refinando e expandindo a base de conhecimento coletivo.

As informações inconsumíveis, portanto, não devem ser armazenadas em coisas. Seria preciso produzir uma cultura imaterial (undinglich). Se isso ocorresse, não haveria mais esquecimento, e assim a história da humanidade consistiria efetivamente num progresso linear: uma memória crescente, em plena expansão. Somos hoje testemunhas da tentativa de se produzir uma cultura imaterial desse tipo, uma memória expansível. (...) As memórias do computador são um exemplo disso. A memória do computador é uma não coisa. (MC, p. 61)

Ao facilitar o armazenamento e a transmissão de informações, os códigos contribuem diretamente para a sobrevivência e o progresso humanos. Eles permitem o acúmulo de conhecimento necessário para os avanços tecnológicos, a organização social e a adaptação aos desafios ambientais.

A quantidade de informação codificada disponível para a humanidade está em constante crescimento. Essa expansão da informação codificada abrange tudo, desde o conhecimento científico e as instruções tecnológicas até as narrativas culturais e as normas sociais. Assim, com o tempo, os códigos cresceram e ainda crescem não só em quantidade, mas também em complexidade. A história mostra esse desenvolvimento contínuo de códigos mais complexos e matizados, desde simples pictogramas até sofisticadas linguagens escritas, linguagens de programação e sistemas simbólicos complexos.

O aumento na complexidade dos códigos leva também a um aumento na complexidade de novas tecnologias programadas com e por esses mesmos códigos, em suas capacidades, funções e potências. Em um círculo autoalimentador, os avanços tecnológicos impulsionados (parcialmente) por avanços dos códigos levaram a um acesso mais amplo a esses mesmos códigos e a diversas informações. Essa maior acessibilidade

influencia as estruturas e funcionamentos sociais, econômicos e políticos. Seguindo esta noção, nota-se um movimento progressivo em direção a uma sociedade cada vez mais codificada. Essa progressão é caracterizada, entre outras coisas, pela formação de novas formas de interação codificada, o que é bem exemplificado na ascensão da internet e das mídias sociais, que criaram formas de interação codificada nunca antes vistas, alterando fundamentalmente os padrões de comunicação e as estruturas sociais.

O progresso em direção a uma sociedade codificada é uma consequência direta da crescente complexidade e sofisticação dos códigos. Nossas sociedades são construídas sobre sistemas elaborados de códigos: códigos legais, códigos morais, códigos sociais, protocolos de comunicação e códigos tecnológicos. Esses códigos estruturam interações, regulam o comportamento e facilitam a ação coletiva. Eles são, em outras palavras, o fundamento das estruturas socioculturais.

Se aceitarmos que nossa percepção da realidade é moldada pelos códigos que usamos, que a maneira como conceituamos e interpretamos o mundo é mediada pelos códigos linguísticos, simbólicos e tecnológicos constituintes de nossas estruturas socioculturais, então não é difícil ligarmos a evolução dos códigos com o desenvolvimento cognitivo humano, e especular sobre o tamanho dessa conexão dos códigos na percepção e no pensamento humanos.

O argumento do texto sobre a natureza "contranatural" da comunicação humana oferece uma perspectiva clara para a compreensão do papel dos códigos na formação da sociedade humana segundo a visão de Flusser. Ele sugere que o progresso da humanidade está inextricavelmente ligado ao desenvolvimento, ao refinamento e à expansão de sistemas codificados que permitem a acumulação e a transmissão de conhecimento entre gerações, contribuindo assim para a nossa luta coletiva contra a mortalidade e o isolamento.

1.1 Escrita, Superfície e Linearidade

Flusser enfatizou o crescimento da importância das superfícies na cultura visual. Essas superfícies, que se tornaram os meios de apresentação e percepção de imagens mais comuns, não são apenas físicas, mas interfaces que mediam a interação do espectador com as imagens e seu conteúdo, influenciando sua compreensão. “As superfícies se tornaram importantes portadoras de mensagens. Paredes, telas, superfícies de papel,

plástico, alumínio, vidro, material de tecelagem, etc. se transformaram em ‘meios’ importantes” (MC, p. 128)

Argumenta-se, especificamente no capítulo “Superfície e Linha”, que a tecnologia moderna, especialmente a fotografia e o cinema (meios de comunicação audiovisual), mudou nossa percepção de uma compreensão predominantemente “linear” (narrativa, sequencial) do mundo para uma compreensão “superficial” (informação simultânea e fragmentada). Ou seja, o autor antecipa o declínio da forma linear e sequencial de escrita tradicionalmente associada à palavra impressa:

podemos admitir que atualmente o "pensamento-em-superfície" vem absorvendo o pensamento-em-linha", ou pelo menos vem aprendendo como produzi-lo. E isso representa uma mudança radical no ambiente, nos padrões de comportamento e em toda a estrutura de nossa civilização. Essa mudança na estrutura de nosso pensamento é um aspecto importante da crise atual. (MC, p. 110-111)

Este declínio também está ligado à mudança de percepção com a transição de "linha" para "superfície"; a natureza sequencial da escrita tradicional está dando lugar a formas de comunicação mais não lineares e em rede. A situação é ilustrada perfeitamente pela ascensão das mídias digitais e das formas não lineares de escrita (hipertexto, fóruns na internet, comunicação por meio de emojis, etc.). A natureza rápida e digerida dos conteúdos que se apresentam na internet, com seus múltiplos links e fluxos simultâneos de informação, alinha-se com o conceito da superfície de Flusser, que se mostra como cada vez mais dominante nas experiências humanas de visualizar informações e comunicar-se. As superfícies são o meio hipnotizador por meio do qual imagens, textos e outras formas de comunicação codificadas são transmitidas às pessoas.

superfícies nas quais se realizam simbolicamente cenas. Estas significam conceitos programados na memória do fotógrafo e do aparelho. A realização se dá graças a um jogo de permutação entre os conceitos, e graças a uma automática transcodificação de tais conceitos permutados em imagens. (FCP, p. 20)

Isso se relaciona com a escrita porque a escrita linear, particularmente a palavra impressa, incorpora fortemente o conceito de “linha”, o qual apresenta informações sequencialmente, uma palavra, frase e parágrafo após o outro. Essa estrutura linear dita uma certa maneira de ler e processar informações, a linha é um tipo de código. (MC, p. 113-114).

Flusser conecta a escrita ao conceito mais amplo de “aparelho”, que abrange os sistemas tecnológicos e sociais. O "aparelho", é um conceito-chave na filosofia de Flusser. Ele diz que os “aparelhos são produtos da técnica que, por sua vez, é texto científico

aplicado” (FCP, p. 10). Alguns dos aparelhos mais onipresentes, como celulares e computadores, contêm superfícies, projetam e produzem imagens, sendo partes centrais da codificação do mundo, auxiliando na moldagem de percepção, interação e compreensão humanas em relação ao mundo e entre si: “(...) aparelhos informam, simulam órgãos, recorrem a teorias, são manipulados por homens e servem a interesses ocultos.” (FCP, p. 14)

A escrita, portanto, não seria apenas uma ferramenta neutra, é parte integrante do aparelho de sua dinâmica de poder. “Todo conceito-chave, por sua vez, implica conceitos subsequentes. Imagem implica magia. Aparelho implica automação e jogo. Programa implica acaso e necessidade. Informação implica símbolo”. (FCP, p. 39)

os aparelhos eletrônicos podem ser também aplicações, teorias e hipóteses da neurofisiologia e da biologia. Em outras palavras: as ferramentas imitam a mão e o corpo empiricamente; as máquinas, mecanicamente; e os aparelhos, neurofisiologicamente. Trata-se de "converter" (wenden) em coisas as simulações cada vez mais perfeitas de informações genéticas, herdadas. Pois os aparelhos eletrônicos consistem nos mais adequados métodos para transformar coisas para o uso. (MC, p. 38)

A maneira como escrevemos está inextricavelmente ligada aos sistemas maiores que governam nossa comunicação. É importante apontar que a própria escrita pode ser considerada um aparelho, uma ferramenta que estrutura o pensamento e a comunicação, e é inseparável de outros aparelhos, que influenciam como escrevemos e sobre o que escrevemos.

Em sua obra, Flusser enxergou a escrita como um código que estrutura o significado. Isso se torna particularmente relevante ao considerarmos como duas diferentes mídias (em linha ou linear versus em superfície, MC, pp. 115-120) estruturam e limitam nossas formas de pensar e de comunicar. O código da escrita linear, com sua natureza sequencial inerente, impõe restrições sobre como a informação pode ser apresentada e vivenciada, restrições que são inexistentes em mídias em superfície, já que “precisamos seguir o texto se quisermos captar sua mensagem, enquanto na pintura podemos apreender a mensagem primeiro e depois tentar decompô-la.” (MC, p. 105).

A mudança da comunicação linear para a de superfície representa uma profunda alteração na natureza dos códigos. Os códigos digitais são mais facilmente manipulados, recombinações e disseminados, o que leva a um tipo diferente de experiência e de produção de conhecimento. “Como não temos experiência imediata com elas, a mídia toma-se para nós a própria coisa. ‘Saber’ é aprender a ler a mídia, nesses casos” (MC, p. 112).

Flusser se preocupa com o fato de que o grande volume e a velocidade da comunicação em um mundo codificado levam à diluição do significado. O fluxo constante de informações, muitas delas mediadas pela escrita, pode criar um ambiente em que a compreensão genuína se torna difícil de alcançar. A maneira como escrevemos e os códigos que usamos afetam a forma como nos percebemos como sujeitos. A imposição de códigos pode levar a uma diminuição do senso de agência individual, um fenômeno intensificado no mundo cada vez mais codificado da tecnologia.

Mais adiante, no capítulo “O Futuro da Escrita” (MC, pp. 138-150), Flusser concentra-se na função e na natureza da escrita à medida que ela se transforma em um mundo cada vez mais tecnológico. Sua análise se baseia em suas ideias mais amplas sobre códigos e aparelhos. Aqui o autor reitera sua visão da escrita como um código: “a escrita, como um código, é uma análise de superfícies em linhas” (MC, p. 147), além de um sistema de signos que estrutura e limita o pensamento. Ele enfatiza que o código específico utilizado (alfabético, ideográfico, digital etc.) impacta significativamente as possibilidades de expressão e de compreensão.

O futuro da escrita está interligado ao dos aparelhos que moldam sua produção e seu consumo. É reiterado que a escrita se tornará cada vez mais integrada a outros aparelhos tecnológicos (especialmente com a produção de tecno-imagens) conforme a passagem do tempo e se concentrará menos na produção de textos estáticos tradicionais e mais na comunicação interativa, ou seja, textos de programação, que geram informações em forma de imagens, sons ou para nutrir arquivos maiores de informação. “A maneira mais fácil de se imaginar o futuro da escrita (...) é pensar aquela cultura como um gigantesco transcodificador de texto em imagem. Será um tipo de caixa-preta que tem textos como dados inseridos (input) e imagens como resultado (output)” (MC, p. 146).

Flusser não previu o desaparecimento dos escritores, mas sim uma mudança em seu papel, em vez de criar textos completos e autocontidos, os escritores poderiam se tornar designers de redes de comunicação ou “programadores” de sistemas interativos. Seu foco mudaria da narração linear para o gerenciamento e a modelagem de fluxos de informação em sistemas complexos. Da mesma forma, a experiência do leitor seria transformada, o consumo passivo de textos pré-formados dá lugar à participação ativa na escultura do processo de comunicação, o papel do leitor muda, ele se torna um co-criador de significado em um ambiente em rede.

O fotógrafo produz símbolos, manipula-os e os armazena. Escritores, pintores (...) sempre fizeram o mesmo. O resultado deste tipo de atividade são mensagens: livros, quadros, contas, projetos. Não servem para serem consumidos, mas para informarem: serem lidos, contemplados, analisados e levados em conta nas decisões futuras. Estas pessoas não são trabalhadores, mas informadores. Pois atualmente a atividade de produzir, manipular e armazenar símbolos ...vai sendo exercida por aparelhos. E tal atividade vai dominando, programando e controlando todo trabalho no sentido tradicional do termo. A maioria da sociedade está empenhada nos aparelhos dominadores, programadores e controladores.. (FCP, p. 14)

Simplificadamente, Flusser reflete sobre a relação mutável entre a escrita, a tecnologia e a comunicação humana. Ele destaca a mudança de formas textuais estáticas e lineares para uma comunicação dinâmica, interativa e em rede, em que as linhas entre autor, leitor e tecnologia se tornam cada vez mais tênues.

2. FLUSSER E O PODER DA IMAGEM

Explorando o papel das imagens na realidade, e a sua relação com a comunicação e consciência humana, em sua obra, Vilém Flusser enfatiza a importância das imagens em um mundo codificado, sugerindo que a comunicação visual pode transmitir ideias complexas rapidamente, mas também pode levar à compreensão superficial. “Uma imagem é uma superfície cujo significado pode ser abarcado em um lance de olhar: ela ‘sincroniza’ a circunstância que indica a cena. Mas depois analisamos, diacronizamos a imagem, ordenando seus elementos em situações e temporalmente quando possível” (MC, p. 131)

A afirmação de Flusser discute a natureza das imagens e como as percebemos. Ele aponta que as imagens têm um impacto imediato: quando olhamos para uma, frequentemente compreendemos seu significado rapidamente, sem a necessidade de análise profunda. Isso ocorre porque a percepção visual é holística: nossos cérebros processam composição, cores, formas e relações em um único momento. A imagem “sincroniza” os elementos da cena, comprimindo uma realidade complexa em um instante coerente, intuitivamente compreensível. Essa compreensão instantânea é uma característica fundamental da comunicação visual.

Contudo, após esse olhar inicial, os observadores frequentemente realizam uma análise mais profunda. “Diacronizar” significa examinar a imagem extensivamente, decompondo-a em partes constituintes (personagens, objetos, símbolos e suas relações) e considerando contextos culturais, históricos, sociais, políticos ou emocionais que influenciam seu significado. Esse processo permite compreender a imagem em termos de sequência, contexto e temporalidade. Assim, mesmo uma imagem estática pode sugerir uma narrativa: por exemplo, uma fotografia de um corredor em meio passo leva o observador a imaginar os momentos antes e depois do instante capturado.

Dessa forma, a natureza dualística das imagens se revela: oferecem significado imediato à primeira vista, mas também convidam a uma análise profunda. O processo de “diacronização” nos permite apreciar camadas de sentido e relações entre elementos ao longo do tempo, como descascar as camadas de uma cebola para revelar a riqueza da narrativa contida na imagem. A interação entre o reconhecimento instantâneo e o exame cuidadoso é crucial para a compreensão da cultura visual.

A imagem também serve como um fio condutor e transporte instantâneo que nos conecta ao tempo e ao lugar que ela representa, um recorte da memória (no caso de fotografias ou desenhos que vivemos ou nos marcaram no passado) e da história (pinturas, filmes antigos, etc.). Flusser ainda argumenta que as imagens são criadas e interpretadas em relação às superfícies, que moldam o contexto e a experiência de visualização. Uma tela digital, uma página impressa ou uma tela de cinema oferecem diferentes condições que alteram o impacto da imagem. Como ele observa: “Para lermos um filme temos que assumir o ponto de vista que a tela nos impõe. Se não o fizermos, poderemos não ler nada. O ponto de vista é estabelecido a partir de uma poltrona no cinema” (MC, p. 114). Em essência, as superfícies são parte integrante do processo de comunicação, pois se tornaram “importantes portadoras de mensagens: paredes, telas, papel, plástico, alumínio, vidro, tecidos, entre outros” (MC, p. 128) E “uma imagem é, entre outras coisas, uma mensagem: ela tem um emissor e procura por um receptor. Essa procura é uma questão de transporte. Imagens são superfícies” (MC, p. 152).

Sobre o papel das imagens em um mundo cada vez mais codificado, observou-se que vivemos em uma sociedade saturada de imagens, em que a comunicação visual domina, plataformas como as mídias sociais dependem fortemente de imagens e vídeos, direcionando a forma como percebemos e interagimos com a informação, já que a comunicação é centrada na imagem. Essa mudança do texto para a imagem altera nossa compreensão e o tipo de engajamento que temos com o conteúdo.

Na visão de Flusser, as imagens não são apenas representações da realidade, são uma forma de comunicação que transcende a linguagem. Elas podem transmitir ideias e emoções complexas de maneiras que as palavras às vezes não conseguem. Flusser segue com o argumento de que as imagens não são apenas representações da realidade, mas também uma forma de comunicação que molda nossa percepção e compreensão, distinguiu entre dois tipos de imagens:

As imagens que nos programam não são do mesmo tipo que aquelas anteriores a imprensa. (...) A diferença (...) as imagens pré-modernas são produtos de artífices (“obras de arte”), obras pós-modernas são produtos da tecnologia. Por trás das imagens que nos programam pode-se constatar uma teoria científica, mas não se pode dizer o mesmo das ideias pré-modernas. (MC, p. 129).

As imagens pré-modernas (artísticas), são formas tradicionais de imagens produzidas manualmente, como pinturas ou desenhos, frequentemente vinculadas a contextos culturais, religiosos e históricos, logo são um produto direto das mãos e mentes humanas. Essas imagens exigem interpretação singular e podem evocar significados e

reações mais profundas com base na formação e nas experiências do espectador. Já as imagens pós-modernas (técnicas), são as imagens modernas produzidas pela tecnologia, como fotografias, filmes e mídias digitais. Elas possuem, por trás de sua criação, seus próprios códigos e linguagens que as compõem, isto é, são feitas a partir da ciência, fórmulas químicas para fotografia clássica e programação a partir de códigos matemáticos para computadores que geram e reproduzem imagens. Ainda se pode distinguir uma terceira forma de imagem dentro das imagens técnicas pós-modernas, as imagens digitais (ou tecnoimagens), as imagens geradas por máquinas, como câmeras digitais, computadores e outros dispositivos. Aqui, ele argumenta que as imagens não são mais algo que o homem controla diretamente, mas sim algo codificado por sistemas computacionais. Ou seja, a produção de imagens torna-se uma operação em que o código (software) é o verdadeiro autor da imagem. Nesse contexto, a imagem digital é mais "fechada", no sentido de que é resultado de um algoritmo, e seu significado está muitas vezes preso a um sistema de interpretações codificado pela máquina.

Ocorre uma transição da imagem como representação para a imagem como codificação. Flusser destaca que as imagens digitais são mais um processo do que uma representação. Elas são produzidas a partir de um código e, portanto, não são simples reflexos da realidade, mas sim interpretações que dependem do código da máquina. As imagens digitais, portanto, exigem um novo modo de compreensão, mais focado no entendimento dos algoritmos e dos códigos por trás da sua criação.

Voltemo-nos para o impacto social dessa relação defeituosa que temos com a imagem (na qual a maioria das pessoas não entende ou controla a imagem e os códigos e máquinas que a geram, apenas sabe o suficiente para operá-los em um nível básico). Flusser se preocupa com o impacto da codificação e da digitalização das imagens na capacidade humana de compreender o mundo.

O autor oferece uma análise crítica da sociedade contemporânea e de sua relação com as imagens em um mundo cada vez mais mediado pela tecnologia. Essa relação, argumenta ele, é frequentemente deficiente e, em muitos casos, autoalienante: a maioria das pessoas parece não se preocupar em compreender o funcionamento das tecnologias que utiliza e que, ao mesmo tempo, as utiliza. Assim, permanecem presas em um ciclo no qual criam incessantemente novos meios de comunicação e de conforto (códigos, imagens, máquinas), mas perdem a capacidade de orientar-se por eles. Em vez de dominá-los, deixam-se guiar, sem curiosidade, crítica ou resistência.

2.1 Humanos Programados por Imagens e outros Códigos

O autor explora o impacto da tecnologia no processo de comunicação, especialmente com o surgimento das imagens técnicas digitais (tecnoimagens). De acordo com o texto, tanto nas entrelinhas quanto diretamente, à medida que nos tornamos mais dependentes de imagens para a comunicação e a compreensão, corremos o risco de perder nossa capacidade de avaliar criticamente e nos envolver com ideias complexas. Esse "analfabetismo" (MC, p. 129) não se refere à incapacidade de ler ou escrever, mas sim à capacidade reduzida de interpretar e analisar informações profundamente.

Nesse estado, os indivíduos podem se tornar consumidores passivos de imagens, em vez de pensadores ativos. Eles se deixam ser programados pela imagem. Eles podem aceitar as imagens pelo seu valor aparente, sem questionar suas origens, significados ou implicações. É uma forma de alienação apática, gerada tanto pelo conforto quanto pelo desinteresse, pois os indivíduos podem se sentir desconectados da realidade por trás das imagens. Isso pode levar a uma compreensão superficial do mundo, na qual as pessoas são mais influenciadas pela aparência das imagens do que por seu conteúdo e contexto.

Não podemos mais passar do pensamento conceitual para o fato por falta de adequação, e também não podemos passar do pensamento imagético para o fato por falta de um critério que nos possibilite distinguir entre o fato e a imagem. Perdemos o senso de "realidade" nas duas situações, e nos tornamos alienados. (MC, p. 115-116)

Flusser chama atenção para a questão da programação humana por códigos visuais (imagens) para realidade atual. A sociedade, muito mais do que na época em que essa questão foi articulada por Flusser em *O Mundo Codificado*, é dominada por superfícies tecnológicas (smartphones, tablets, computadores, etc...) que reproduzem incontáveis imagens por dia, cada uma delas contendo informações, linguagem (códigos) e objetivos diversos. É seguro dizer que a programação evoluiu de formas que até o próprio autor não podia imaginar, com um alcance e eficiência vorazes. (MC, p. 137)

Aqueles que criam e distribuem imagens (como corporações e governos) detêm poder sobre as narrativas que moldam a percepção pública. Portanto, controlam a “programação” humana, o que podemos ou não ver e de que forma aquilo que vemos é mostrado. Neste mundo dominado pela mídia visual, essa programação ocorre de várias maneiras.

Imagens podem influenciar a forma como percebemos a realidade, por exemplo, a exposição repetida a certas imagens pode criar estereótipos ou moldar normas sociais.

É possível evocar fortes reações emocionais com imagens (principalmente as não estáticas, como filmes e vídeos), que podem incitar certos comportamentos, predeterminados ou não. Como no caso dos anúncios, que frequentemente usam imagens poderosas para suscitar sentimentos que impulsionam o comportamento do consumidor. As imagens predominantes em uma cultura poderiam condicionar os indivíduos a aceitar certos valores e crenças, muitas vezes sem análise crítica. “O caráter cênico dos códigos bidimensionais tem como consequência um modo de vida específico das sociedades por eles programadas. Eles podem ser denominados de ‘forma mágica da existência’”. (MC, p. 131)

A previsão de Flusser quanto à programação humana por imagens é assustadoramente precisa, suas sugestões de como as imagens podem nos programar, que para muitos podiam parecer alarmistas na época em que sua obra foi escrita, hoje são semelhantes à nossa realidade distópica, não mais uma previsão do futuro, mas uma análise do presente. As imagens não são apenas representações, mas também participantes ativas na formação de nossas percepções. Na era digital atual, as imagens estão em toda parte, nas mídias sociais, publicidade e notícias. Elas podem criar narrativas e influenciar opiniões, muitas vezes de forma mais poderosa do que o texto escrito. O papel das imagens expandiu-se com a tecnologia, pois podem ser manipuladas e compartilhadas instantaneamente, afetando a forma como vemos o mundo.

Esse novo homem, o funcionário, está unido aos aparelhos por meio de milhares de fios, alguns deles invisíveis: aonde quer que vá, ou onde quer que esteja, leva consigo os aparelhos (ou é levado por eles), e tudo o que faz ou sofre pode ser interpretado como uma função de um aparelho. (MC, p. 41)

Na sociedade contemporânea, algoritmos em plataformas como TikTok, X, YouTube, Facebook e Instagram selecionam o que vemos, programando efetivamente nossas preferências e crenças, levando a câmaras de eco (as infames bolhas sociais) nas quais os indivíduos são expostos apenas a ideias que reforçam suas visões pré existentes, reverberando os mesmos sons em vozes diferentes, guiando nossas interações e identidade sociais. Nessas bolhas, somos blindados a outras opiniões e ao que se passa como informação e fato para o resto da população que interage em outras câmaras de eco com identidades, ideias e até códigos de comunicação diferentes, nos alienando mais ainda, não só em relação ao mundo, mas entre nós mesmos. “A rede telemática que conecta os homens com os aparelhos (...) pressupõe que todos os homens devam ser

competentes o suficiente para isso. Mas não se pode confiar nessa pressuposição” (MC, p. 42)

À medida que navegamos em um mundo cada vez mais repleto de mídias visuais, é essencial permanecermos atentos às mensagens contidas nas imagens e buscarmos uma compreensão mais profunda, que transcenda o simples consumo, decodificando-as. O envolvimento crítico com as imagens pode nos ajudar a evitar a armadilha de nos tornarmos "analfabetos" em uma cultura visual.

Há um tema essencial para a discussão da programação humana que permeia a obra, ainda que não seja citado nominalmente pelo autor, o qual atinge o indivíduo de forma singular e sobre o qual é impossível não refletir: a codificação da identidade, e como a identidade humana é moldada e influenciada por diversos fatores sociais, culturais e tecnológicos. “Aspectos tais como alienação [Entfremdung], descontinuidades e antinomias também participam na formação identitária, donde emergem identidades plurais e campos identitários que sobrepõem-se uns aos outros” (BIDLO, 2016, p. 32)

Observando a construção da identidade a partir de observações e de uma perspectiva flusseriana, a identidade não seria algo fixo ou intrínseco, mas sim uma construção dinâmica influenciada pelos meios de comunicação e pelas tecnologias que utilizamos. A forma como nos apresentamos e como somos percebidos em um mundo codificado é mediada por imagens, textos e códigos quase onipresentes que circulam na sociedade. A identidade é codificada por normas sociais e culturais, que nada mais são do que códigos que definem o que é aceitável ou desejável em diferentes contextos. Esses códigos podem incluir aspectos como gênero, raça, classe social e nacionalidade, que enquadram a maneira como nos vemos e como os outros nos veem.

Com a criação e evolução das tecnologias digitais, a codificação da identidade torna-se ainda mais complexa. As redes sociais, por exemplo, permitem que as pessoas construam e apresentem identidades múltiplas e fluidas, muitas vezes distantes de suas realidades físicas. Isso pode levar a uma fragmentação da identidade no olhar público, onde diferentes aspectos de quem somos são destacados em diferentes plataformas.

Analisando as ideias de Flusser sobre códigos e sociedade, elas apontam para um cenário de risco de padronização identitária, que pode surgir da codificação da identidade. À medida que ficamos mais dependentes das representações (imagens digitais), podemos perder o contato com a nossa individualidade autêntica. A pressão para seguir certos padrões ou imagens poderia causar uma crise de identidade. A codificação da identidade também levanta dúvidas sobre a relação entre identidade coletiva e individual. Enquanto

as identidades coletivas (como as de grupos étnicos, culturais, sociais ou políticos) podem dar um senso de pertencimento; elas podem também restringir a expressão da individualidade. É crucial achar um equilíbrio entre essas duas partes.

No mundo contemporâneo, em que as redes sociais têm um papel importante na formação da identidade, podendo servir como lentes para observar e categorizar as identidades de outras pessoas e comunidades, e como instrumento de construção no espelho da autoimagem individual e socio-coletiva, a reflexão sobre ser real se torna mais importante. O que é autêntico em nós e o que foi plantado ou engolido sem que ou antes mesmo que pudéssemos notar ou resistir? As pessoas podem ganhar ao questionar como suas identidades são esculpidas por essas mídias e tentar buscar formas de mostrar sua verdadeira personalidade (identidade).

Tão poderosos são nossos códigos, aliás, que construímos a partir deles versões alternativas da chamada realidade, mundos paralelos, múltiplas experiências do aqui e agora, as quais convencem, comovem e tomam-se "reais" à medida que acreditamos coletivamente em sua eficácia. As imagens e os textos de ficção são exemplos primitivos e primorosos desse fenômeno. (MC, p. 14)

Reconhecer o papel e o poder dos códigos, seja como meios de comunicação e transporte (pontes) para agentes externos (como pressão social), ou como os agentes em si, na construção de uma identidade pessoal é imprescindível para que se comece a combater tal influência. Entender um pouco mais sobre como a identidade é codificada pode ajudar a ampliar a variedade de pensamento crítico e a reduzir a alienação por passividade. Perceber que as identidades são tão formadas por esses fatores externos, quanto por nossos próprias ideias e reflexões internas, é um grande passo para que indivíduos aprendam a ter mais empatia e questionamentos sobre diferentes ideias, estereótipos e tudo aquilo que está elevado acima do criticismo sem sabermos por quê. A educação crítica sobre o código da identidade e suas consequências seria útil para ajudar as pessoas a ficarem mais críticas acerca das influências de mídia, representação e construção de identidades em contextos digitais.

Na concepção de Flusser, o desafio estava em usar a linguagem e os códigos de maneira informada e crítica, para que esses códigos melhorem nosso entendimento e relações interpessoais, em vez de contribuir para a alienação. Essa compreensão também pode nos ajudar a navegar pelas complexidades da individualidade em um mundo contemporâneo cada vez mais interconectado, onde a identidade do indivíduo comum é tão pública quanto a de um político.

CONCLUSÃO

Vilém Flusser demonstrou que as transformações dos meios de comunicação não são mudanças formais, mas metamorfoses da própria experiência humana. Que os códigos não são neutros, são moldes que traduzem, reduzem e reconstroem o mundo em formatos que regulam o que e como podemos perceber, lembrar e, às vezes, até quando agir. Que escrita criou a historicidade ao transformar cenas em processos, a volta à imagem, agora técnica e programável, nos moveu desse encadeamento temporal e instala modelos e superfícies que aceleram a recepção e empobrecem a narrativa. Essa mudança, por um lado, ampliou as possibilidades de manipulação e interação (imagens reversíveis, interfaces controláveis) e, por outro, acentuou a alienação ao substituir a vivência direta por sinais e processos mediadores.

As imagens, enquanto operações codificadas que se tornaram, moldam nossa percepção e organização social, gerando uma comunicação imediata, favorecendo a superficialidade cognitiva e criando assimetrias de poder entre quem cria o código e quem o consome. Flusser deixou um alerta claro e consciente sobre os desafios enfrentados por uma sociedade cada vez mais dependente de códigos: sobrecarga de informações, potencial de manipulação por meio de mensagens codificadas e a necessidade de garantir acesso equitativo à informação e a capacidade de compreender e utilizar códigos. Enfrentar esse cenário exige respostas que atuem tanto nos ambientes técnicos quanto nas práticas culturais.

Como soluções para essas questões, o design crítico, a regulação e a formação de criadores podem ser métodos essenciais para transferir a assimetria de poder entre códigos e usuários e restituir a passagem à compreensão e à ação democrática. O primeiro buscaria tornar os sistemas de produção e distribuição de imagens mais transparentes e menos predatórios, com regras que exijam explicações acessíveis sobre os algoritmos, auditorias de impacto social e limites a práticas que explorem vieses humanos. Isso inclui mudanças nas plataformas, como indicar a origem e edição de imagens, reduzindo a nebulosidade e a velocidade com que se espalham e influenciam opiniões. O segundo visaria capacitar as pessoas a entender e a criar imagens, não apenas a consumi-las. Isso passa por alfabetização visual e algorítmica, pelo uso de ferramentas abertas, pela publicação da construção e dos bastidores de projetos, além do incentivo à documentação das escolhas

criativas. O objetivo é formar agentes capazes de interpretar, questionar e produzir de forma autônoma.

O domínio dos códigos é uma forma de poder, pois quem os constrói define as realidades compartilhadas. Por isso, é urgente compreender tecnicamente os códigos e, politicamente, quem os controla. Caso contrário, corremos o risco de viver em uma realidade codificada sem sentido, em que a agência, a memória histórica e a crítica se esvaziam. O Mundo Codificado exige uma resposta prática dos seus leitores, não basta teorizar sobre códigos, é preciso intervir nos ecossistemas que os produzem. Educação crítica, regulação transparente, design ético e cultura reflexiva convergem para transformar códigos de instrumentos de dominação em ferramentas de emancipação. Ao equipar indivíduos e coletivos para decodificar, reconfigurar e criar significados, promovemos não apenas uma melhor compreensão da realidade, mas também uma sociedade mais plural, justa e capaz de usar a tecnologia para reforçar vínculos humanos em vez de dissolvê-los.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Larissa Drigo. *A filosofia da comunicação de Flusser ou por uma nova imaginação. Signos do Consumo*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 230-235, dez. 2015.

BIDLO, Oliver. *O hominizado: comunicação e existência em Vilém Flusser*. Tradução de Nelson Shuchmacher Endebo. *Revista Eco Pós*, [S.l.], v. 19, n. 1, 2016. Dossiê Vilém Flusser. ISSN 2175-8889.

CARDOSO, G. *Mídia Na Sociedade Em Rede*. 1. Ed. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas Editora, 2007.

CASTELLS, Manuel. *A construção da identidade*. In: *O Poder da Identidade: volume II*; Tradução: Klaus Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FLUSSER, Vilém. *O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação*. Organização: Rafael Cardoso; tradução: Raquel Abi-Sâmara. São Paulo: Cosac Naify, 2007. 224 p.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. São Paulo: Hucitec, 1985. 92 p.

FLUSSER, Vilém. Nossas imagens. In: *Pós-história: vinte instantâneos e um modo de usar*. São Paulo: Annablume, 2011.

FLUSSER, Vilém. *O Universo das Imagens Técnicas: elogio da superficialidade*. São Paulo: Annablume, 2008.

POSTMAN, Neil. *Amusing Ourselves to Death: Public Discourse in the Age of Show Business*. Introduction: Andrew Postman. London: Penguin Books, 2005. 208 p.